

NEOLIBERALISMO, PRECARIZAÇÃO E SOFRIMENTO DOCENTE NO CONTEXTO PANDÊMICO: UM ESTUDO DE CASO COM BASE NA HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

NEOLIBERALISM, PRECARIOUSNESS, AND TEACHER SUFFERING IN THE
PANDEMIC CONTEXT: A CASE STUDY BASED ON THEMATIC ORAL HISTORY

NEOLIBERALISMO, PRECARIEDAD Y SUFRIMIENTO DOCENTE EN EL
CONTEXTO PANDÉMICO: UN ESTUDIO DE CASO BASADO EN LA HISTÓRIA
ORAL TEMÁTICA

Edmar Aparecido de Barra e Lopes¹

DOI: 10.54899/dcs.v22i85.4166

Recibido: 28/11/2025 | Aceptado: 23/12/2025 | Publicación en línea: 30/12/2025.

RESUMO

Este artigo objetiva realizar uma investigação de um conjunto de processos que teriam resultado na ampliação e intensificação de formas de “precariedade objetiva” e “precariedade subjetiva” expressas, entre outras maneiras, sob a forma de uma incomum multiplicação de vivências de crescimento de mal-estar, sofrimento psíquico e, não raramente, adoecimento, experimentadas cotidianamente por docentes efetivos/estáveis (homens e mulheres) do ensino superior público no Brasil (Universidade Federal de Goiás – UFG/Faculdade de Ciências Sociais – FCS). O recorte temporal é o cenário relativo ao contexto neoliberal da pandemia de COVID-19, embora com desdobramentos no período pós-pandêmico relacionado ao patógeno denominado SARS-CoV-2. A metodologia adotada foi uma análise qualitativa (com base na História Oral Temática-HOT). Analisamos entrevistas realizadas junto a professores(as) efetivos(as) dessa instituição de ensino superior pública e buscamos compreender como esses sujeitos vivenciaram cotidianamente (neste momento histórico) processos de ampliação e intensificação das formas de precarização objetiva e subjetiva no neoliberalismo pandêmico. Esforço empreendido sem deixar de considerar questões de gênero, idade, tempo de atuação profissional, etc.

Palavras-chave: Trabalho Docente. Neoliberalismo. Pandemia. Precarização. Sofrimento Psíquico.

ABSTRACT

This article aims to investigate a set of processes that have resulted in the expansion and intensification of forms of “objective precariousness” and “subjective precariousness,” expressed, among other ways, in the form of an unusual increase in experiences of growing discomfort, psychological distress, and, not infrequently, illness, experienced on a daily basis by permanent/tenured faculty members (men and women) in public higher education in Brazil (Federal University of Goiás – UFG/Faculty of Social Sciences – FCS). The time frame is the

¹ Doutor em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil.
E-mail: edmarlopes@ufg.br

scenario related to the neoliberal context of the COVID-19 pandemic, although with developments in the post-pandemic period related to the pathogen called SARS-CoV-2. The methodology adopted was a qualitative analysis (based on Thematic Oral History-HOT). We analyzed interviews conducted with permanent professors at this public higher education institution and sought to understand how these subjects experienced, on a daily basis (at this historic moment), processes of expansion and intensification of forms of objective and subjective precariousness in pandemic neoliberalism. This effort was undertaken without neglecting issues of gender, age, length of professional experience, etc.

Keywords: Teaching Work. Neoliberalism. Pandemic. Precarization. Psychological Distress.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo investigar un conjunto de procesos que habrían dado lugar a la ampliación e intensificación de formas de «precariedad objetiva» y «precariedad subjetiva» expresadas, entre otras maneras, en forma de una multiplicación inusual de experiencias de creciente malestar, sufrimiento psíquico y, a menudo, enfermedad, vividas a diario por profesores titulares/estables (hombres y mujeres) de la enseñanza superior pública en Brasil (Universidad Federal de Goiás – UFG/Facultad de Ciencias Sociales – FCS). El marco temporal es el escenario relativo al contexto neoliberal de la pandemia de COVID-19, aunque con repercusiones en el período pospandémico relacionado con el patógeno denominado SARS-CoV-2. La metodología adoptada fue un análisis cualitativo (basado en la Historia Oral Temática-HOT). Analizamos entrevistas realizadas a profesores titulares de esta institución de enseñanza superior pública y tratamos de comprender cómo estos sujetos vivieron a diario (en este momento histórico) los procesos de ampliación e intensificación de las formas de precarización objetiva y subjetiva en el neoliberalismo pandémico. Esfuerzo realizado sin dejar de considerar cuestiones de género, edad, antigüedad profesional, etc.

Palabras clave: Trabajo Docente. Neoliberalismo. Pandemia. Precarización. Sufrimiento Psíquico.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Este artigo encontra-se dividido nos seguintes tópicos: a) a precarização geral no mundo do trabalho contemporâneo no contexto neoliberal das novas formas do modelo de organização do trabalho taylorista-fordista; b) as novas formas de produção e gestão do sofrimento psíquico no âmbito do modelo de organização do trabalho taylorista-fordista no contexto do neoliberalismo; c) procedimentos metodológicos: a opção estratégica pela História Oral Temática como base teórico-metodológica no processo de produção e análise das entrevistas; d) análise das

entrevistas: vivências cotidianas de trabalho de professores e professoras efetivos/“estáveis” no ensino superior público no Brasil: um estudo de caso num contexto de ampliação e intensificação das formas de precarização objetiva e subjetiva no âmbito do neoliberalismo pandêmico; e e) considerações finais. Apresentamos cada um desses tópicos a seguir.

REVISAO DA LITERATURA

A Precarização Geral no Mundo do Trabalho Contemporâneo no Contexto Neoliberal das Novas Formas do Modelo de Organização do Trabalho Taylorista-Fordista

Compreendemos que a discussão desse primeiro ponto pressupõe a análise de dois constructos, quais sejam: o de precarização social do trabalho e o de precariedade do trabalho.

No que concerne ao primeiro², ele consolida-se a partir de meados da década de 70, no contexto de mundialização do capital sob a hegemonia do capital financeiro e caracterizado por um “novo espírito do capitalismo” que tem como pano de fundo a reestruturação da produção e das formas de organização do trabalho (Boltanski; Chiapello, 2009). Trata-se de um momento histórico marcado pela mutação e ampliação das formas de precarização social do trabalho (Druck, 2009) fundadas numa nova dinâmica de flexibilização, acumulação e gestão (Harvey, 1992).

A emergência desse novo modelo de organização taylorista-fordista do trabalho fundado nas políticas neoliberais - em especial no final dos anos 1980 e início dos 1990, tem contribuído fortemente para alimentar um processo de crescimento das incertezas e forte degradação das relações e condições da força de trabalho que, cada vez mais, mostra sua capacidade de derrubar fronteiras, tanto no setor privado, quanto no setor público do mercado de trabalho (Castel, 1995; 1998; 2009).

Quanto ao segundo conceito³, é fundamental ressaltar que a referida precarização estrutural do trabalho tem contribuído para o crescimento e legitimação de um debate sociológico

² Druck (2009) define precarização com muita clareza quando categoriza esse conceito em 5 (cinco) modalidades de precarização no mundo do trabalho na contemporaneidade, ou seja: 1) precarização das formas de mercantilização da força de trabalho; 2) precarização da organização e das condições de trabalho; 3) precarização das condições de segurança no trabalho; 4) precarização das condições de representação e organização sindical; e 5) precarização do processo de construção das identidades individual e coletiva.

³ A categoria “precariedade” expressa fenômenos que não são recentes no mundo trabalho e que têm apresentado múltiplas faces associadas ao desenvolvimento da dinâmica de reconfiguração do regime capitalista, compreendida por uma grande diversidade de formações históricas, desde aquelas do tipo fordista, no capitalismo liberal, às do tipo taylorista-fordista, no capitalismo keynesiano e neoliberal dos dias atuais (Linhart, 2007).

no que diz respeito a uma tendência de universalização da precariedade do trabalho (Bourdieu, 1998). Essa, por um lado, associada à crise do emprego estável, tem produzido um número crescente de “desfiliados sociais”, bem como o crescimento de formas atípicas de emprego e de desestabilização dos estáveis (Castel, 1995; 2009). Por outro lado, afirma-se, sobremaneira, enquanto aquilo que distingue fundamentalmente os assalariados na contemporaneidade nas mais diversas variantes históricas do neoliberalismo, ou seja, a normalização de vivências de risco e vulnerabilidade, instabilidade e incerteza, bem como de formas de insatisfação no emprego (Paugam, 2000).

Ressaltamos, portanto, que a noção de precarização geral no atual contexto do mundo do trabalho pressupõe a necessidade de análise, tanto de seus aspectos objetivos, quanto subjetivos (Linhart, 2008, 2009), articulados a um conjunto de transformações que têm impactado profundamente a classe que vive do trabalho (Antunes, 2005; 2009). Fenômeno que se acentua, particularmente, com a emergência e consolidação de um conjunto de formações históricas de variantes do neoliberalismo, especialmente, a partir da década de 1980.⁴

Trata-se de um processo extremamente heterogêneo e multifacetado e que tem levantado uma série de questões, tais como aquelas relativas: 1) à coesão e à centralidade do trabalho, além da crise do sistema tradicional de proteção social (Castel, 1998; 2006); 2) às transformações das relações e das condições de trabalho e suas interfaces com mudanças relacionadas ao seu sentido (Neri de Souza *et al.*, 2019; Calderon; López Calle, 2010; Clot, 1995; Linhart, 2009); 3) à psicologização do trabalho na esfera da política (Alves, 2011; Crespo *et al.*, 2005); 4) às relações sociais de sexo/gênero e suas interfaces com a inserção profissional no setor do emprego num mercado de trabalho em profunda transformação (Charles; Fortino, 2001; Hirata; Kergoat, 2007; Hirata, 2015); e 5) à centralidade que tal processo assume na dinâmica do capitalismo flexível

⁴ Nesse sentido, Linhart (2012, p. 128-130), analisa: (...) *Je voudrais avancer ici l'idée d'une précarisation qui affecte des salariés qui ne font pas directement partie de ce que l'on nomme désormais le "précarariat". Je souhaite aborder le sentiment de "précarité" que peuvent avoir des salariés stables (...) confrontés à des exigences toujours plus fortes dans leur travail, des salariés que vivent en permanence avec l'idée du risque de ne plus être un jour à la hauteur, de ne plus pouvoir tenir leur place (...). Quelle est donc cette "précarité subjective" dont l'évidence a surgi au détour des nombreux terrains d'enquêtes que j'ai pu mener seule ou avec des collègues. On pourrait la décrire travers le sentiment qu'ont ces salariés stables de n'être pas chez soi dans leur travail, de ne pas être entre soi non plus, de ne pas pouvoir se fier à des routines professionnelles (...), on pourrait la décrire comme la sentiment de ne pas maîtriser son travail et de devoir sans cesse développer des efforts pour s'adapter, pour remplir les objectifs fixés, pour ne pas se mettre en danger ni physiquement, ni moralement (dans le cas d'interactions avec des usagers, des clients); comme le sentiment de ne pas avoir des recours en cas de problèmes graves de travail, ni du côté de la hiérarchie (de plus en plus rare et moins disponible), ni du côté des collectifs de travail qui se sont éditochés avec l'individualisation systématique de la gestion des salariés et leur mise en concurrence. C'est ainsi un sentiment d'isolement et d'abandon (...). Cette "précarité subjective" n'est pas étrangère à la souffrance qui s'inscrit de plus en plus dans le rapport au travail moderne, elle en serait même plutôt une des caractéristiques (...).*

(Antunes; Druck, 2014); 6) ao fato de, mais e mais, tal realidade também impactar negativamente as vivências cotidianas de trabalhadores e trabalhadoras no sistema produtivo moderno, causando crescente fadiga, sofrimento e adoecimento físico e psíquico. Um estado psicoafetivo de penosidade resultante de um contexto de permanente instabilidade e degradação do mercado de trabalho (Dejours, 1994; 2000b) etc.

Ressaltando que essas são apenas algumas das características da precarização geral da vida no contexto de gestão e reorganização do trabalho que têm se configurado enquanto efeitos do “rolo compressor da modernização” do modelo de organização do trabalho taylorista-fordista sob o capitalismo neoliberal (Linhart, 2007).

As Novas Formas de Produção e Gestão do Sofrimento Psíquico no Âmbito do Modelo de Organização do Trabalho Taylorista-Fordista no Contexto do Neoliberalismo

Em relação a este tópico, ele constitui e é constituído, ao mesmo tempo, por uma nova filosofia moral que está na base de um novo padrão de formas de produção e gestão do sofrimento psíquico e que tem como algumas de suas principais características: o culto da urgência e da concorrência; o individualismo e a indiferença; a destruição de formas tradicionais de solidariedade social e de políticas públicas mais e mais focalizadas e, por isso mesmo, insuficientes. Trata-se de um fenômeno que tem sido analisado de forma diversa e, não raramente, complementar, por diversos autores de vários campos de pesquisa, como já foi demonstrado.

Essa nova filosofia moral, particularmente no pós-década de 1970, está intrinsecamente associada a um novo discurso econômico/psicológico que, ao mesmo tempo, alimenta e é alimentado por um novo modelo social de gerenciamento da subjetividade baseado em formas diversas e ampliadas de estratégias de assédio moral e de sofrimento psíquico (Safatle, 2021; Seligmann-Silva, 2011; Heloani; Barreto, 2018; Heloani, 2002) cada vez mais presente na dinâmica estrutural de reorganização das relações e condições de trabalho das novas formas do modelo de organização do trabalho taylorista-fordista, no contexto do neoliberalismo. Fenômeno que Linhart (2009, p. 20) sintetiza da forma que segue:

(...) Le travail moderne se caractérise par un appel officiel et explicite à la subjectivité des salariés. Le management requiert désormais de ses salariés qu'ils se donnent totalement, qu'ils mobilisent leur personnalité, leurs émotions, leurs ressources les plus intimes, en complément d'une implication d'ordre cognitif (...).

Trata-se de uma dinâmica que, segundo numerosas análises, tende a se estender de forma diversa e segundo vários atravessamentos (de classe, gênero, raça/ethnia, faixa etária etc.) a todas as esferas da vida social, a ponto de moldar as próprias subjetividades, produzindo uma cultura caracterizada por estimular e normalizar o medo, além de formas de violência e injustiça social que implicam direta e indiretamente na precarização do emprego e também da própria dimensão existencial da vida humana (Linhart, 2007; Dardot; Laval, 2016; Dejours, 2000a). Neste contexto do neoliberalismo e do modelo vigente da subjetividade que ele instaura, tal como analisado por autores como Linhart (2012), Maluf, (2024) e Safatle (2021), as formas emergentes de produção e gestão do sofrimento psíquico têm um pano de fundo muito específico.⁵

Ressaltando que essa nova forma de produção e gestão do sofrimento psíquico, no âmbito do modelo de organização do trabalho taylorista-fordista em contexto do neoliberalismo, têm se afirmado em especial com a instituição de formas precarizadas de relações e condições de trabalho (objetivas e subjetivas) em inúmeros segmentos do mundo do trabalho, com avanço da implementação do novo modelo (neoliberal) de gestão pública (Fortino; Linhart, 2011; Fortino, 2013; Linhart, 2009; Gaulejac, 2014; Heloani, 2003; Venco, 2014; etc.). Tal como encontramos em Linhart (2009 *apud* Neri de Souza, 2017, p. 68-69):

(...) Os novos métodos de gestão do trabalho elaboram o discurso centrado na valorização das qualidades, das competências e da capacidade de iniciativa, de forma a criar condições para o envolvimento, como mobilização da subjetividade dos trabalhadores(as) singularmente considerados(as), individualizando-os(as). A modernização aparece associada à concepção do trabalho com maiores competências, com maior engajamento da subjetividade e da individualização e a espaços hierárquicos mais reduzidos. É possível inferir que se trata, atualmente, de mobilizar cada professor para “fazer uso de si mesmo” da forma mais eficaz possível, segundo critérios selecionados. O referido espaço de autonomia nos discursos de gestão é fechado por objetivos fixados e acordados, procedimentos e métodos standardizados e metodologias impostas. Autonomia contraditória, pois permite o controle do trabalho docente de forma que os professores aceitem a instrumentalização de sua atividade e de sua subjetividade. Esse controle se dá por meio de uma ofensiva ideológica e ética destinada a realizar o consentimento; mas também por meio da “desconstrução” ou do

⁵ Neste, destacam-se alguns elementos centrais, tais como: a) a predominância da configuração do valor individual nas várias esferas da vida social na contemporaneidade, inclusive, como fundamento para as tentativas de padronização da concepção de saúde e adoecimento; b) o crescimento muito expressivo de um processo de psiquiatrização da experiência subjetiva e de sofrimento modulando e conformando os indivíduos, revelado através de grande aumento de diagnósticos psiquiátricos e consumo de psicofármacos como formas de sustentar a reprodução de situações de desigualdades experimentadas, sobretudo, por segmentos sociais historicamente mais oprimidos no mundo do trabalho (mulheres, negros, imigrantes etc.); c) o avanço das políticas sociais vinculadas à hegemonia do Estado neoliberal combinado com a legitimação da ideologia relativa a uma nova dinâmica de produção de sujeitos e subjetividades (sujeito-empresa), segundo a qual cabe unicamente ao indivíduo a responsabilidade sobre si (em particular, a saúde mental), bem como a necessidade de ele mergulhar na incessante busca pela agregação de valor (capital humano) como forma de sobreviver às constantes transformações organizacionais e do mercado de trabalho em geral.

“desarmamento”, que toma a forma de um ataque às regras dos ofícios, dos conhecimentos e da experiência docente mediante a mudança permanente que conduz à precarização subjetiva (...).

Trata-se de uma “modernização” gerencial do trabalho que, entre outras coisas, tem resultado no aprofundamento de processos de intensificação e individualização (Fortino, 2012). Assim, podemos afirmar que esse modelo (neoliberal) de gestão pública, no que se refere à organização do trabalho no contexto neoliberal, tem contribuído de forma determinante para precarizar e intensificar o ensino superior público no Brasil e, em outros inúmeros países, por conseguinte, impactar muito negativamente a saúde dos docentes sob a forma do expressivo crescimento do sofrimento psíquico e adoecimento entre esses profissionais. Especialmente, entre os sujeitos que delimitamos como objeto do presente estudo: os professores e professoras efetivos/estáveis da UFG-FCS.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A Opção Estratégica pela História Oral Temática como Base Teórico-Methodológica no Processo de Produção e Análise das Entrevistas

Um dos grandes desafios desta pesquisa é o de compreender como os docentes efetivos/estáveis (homens e mulheres) do ensino superior público no Brasil (UFG-FCS) vivenciaram e vivenciam, cotidianamente, em seus respectivos ambientes laborais, a ampliação e intensificação dos processos de subjetivação neoliberal no contexto da pandemia da Covid-19 e do pós-pandemia.

Nesse sentido, foi fundamental conferimos centralidade às experiências desses sujeitos e, por consequência, privilegiarmos um método de investigação do tipo qualitativo. Assim, a razão da escolha da História Oral Temática, a qual ganhará ainda mais importância no transcórre deste estudo ao ser cruzada com a literatura especializada sobre o tema da pesquisa.

E ainda, a nossa a admissão de que números, estatísticas ou prevalências têm rosto, trajetória e biografia; da centralidade conferida às experiências vividas e às sensibilidades coletivas; da concordância relativa ao fato de que fenômenos globais são sempre atuados a partir de contextos locais, bem como a partir de materialidades e práticas situadas (Ferreira, 1997; Segata, 2020; Thomson, 2008).

Trata-se de uma metodologia que pressupõe a produção de entrevistas/depoimentos (por meio do uso de meios eletrônicos) com pessoas que participaram (ou testemunharam) determinados acontecimentos (objeto de pesquisa), objetivando analisar processos sociais no tempo presente, como meio de compreender as vivências de indivíduos ou grupos, além de movimentos sociais e instituições (Alberti, 2004; Meihy; Holanda, 2007).

Tal escolha, portanto, deve-se ao fato de encontrarmos nessa metodologia uma forma privilegiada de conferirmos visibilidade crítica às relações entre: “(...) memória e história (Nora, 1993; Le Goff, 1992); memória e esquecimento (Pollack, 1989; 1992; Ricoeur, 2007); memória e identidade (Delgado, 2010); subjetivação e sofrimento no trabalho (Dejours; Abdoucheli, 1993 *apud* Lopes (2023, p. 68) (...))”.

Devemos acrescentar que a metodologia em tela é uma escolha ainda mais importante quando trazemos à tona o seu papel estratégico no concerne à possibilidade de estabelecermos relações entre memória, testemunho e trauma (Pollak, 1989; 1992; Sarlo, 2007). Tal como é o caso de muitas lembranças traumáticas (vivenciadas especialmente durante a pandemia da Covid-19) e que afloraram durante as inúmeras entrevistas que realizamos com os professores e professoras efetivos/estáveis da UFG-FCS (Brasil). A esse respeito, como analisa Lopes (2023, p. 68):

(...) Esta escolha metodológica também é estratégica no sentido de contribuir para que, desde já, a história da pandemia sob o governo Bolsonaro no Brasil. [E ainda, a história do pós-pandemia] não [sejam] simplesmente (...) narrativas alinhadas a fontes quantitativas, mas um caminho privilegiado para que as memórias dos sujeitos em tela, seus sentimentos e medos, sonhos e frustrações, possam também fazer parte de [tais histórias] (...).

A História Oral, enquanto metodologia, configura-se em 3 (três) modalidades: a História Oral Temática; a Tradição Oral; e a História Oral de Vida. Aqui, optamos por uma um tipo específico, qual seja, a História Oral Temática.

De acordo com autores como Bom Meihy (1996), Lang (1997) e Queiroz (1988), a História Oral Temática possui certas particularidades que coadunam com a investigação que desenvolvemos: a) por meio dela, podemos estabelecer articulações dos entrevistados com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, da sociedade como um todo; b) ela é um tipo de História Oral caracterizada por sua maior objetividade, pois parte de um tema previamente estabelecido; c) para esse tipo de História Oral interessa apenas a narrativa de quem presenciou ou tenha alguma versão do(s) acontecimento(s) relacionado(s) direta ou indiretamente

à temática da pesquisa. Ou seja, neste estudo, interessamo-nos pelas formas como os docentes em questão vivenciaram e vivenciam cotidianamente, em seus respectivos ambientes laborais, a ampliação e intensificação dos processos de subjetivação neoliberal no contexto da pandemia da Covid-19.

RESULTADOS DA DISCUSSÃO

Análise das Entrevistas: Vivências Cotidianas de Trabalho de Professores e Professoras Efetivos / “Estáveis” no Ensino Superior Público no Brasil: um Estudo de Caso num Contexto de Ampliação e Intensificação das Formas de Precarização Objetiva e Subjetiva no Âmbito do Neoliberalismo Pandêmico

Nesta parte de nossa pesquisa, com base em literatura especializada e em entrevistas realizadas⁶ com base na História Oral Temática, procuramos demonstrar que os contextos

⁶ Seguem as notas preliminares à análise destas entrevistas. No que diz respeito ao contexto de produção das entrevistas, cabe ressaltar que as temporalidades manifestas nos depoimentos dos professores e professoras dessa universidade pública em questão, são, ao mesmo tempo, constituintes e constituídas pelas interfaces que os sujeitos da pesquisa elaboram/estabelecem com duas fases particulares da variante do neoliberalismo no Brasil, em suas múltiplas dimensões. Um primeiro cenário presente nessas falas diz respeito ao processo de mundialização neoliberal no Brasil, marcado pela reestruturação produtiva caracterizada pela flexibilização e precarização das relações e condições de trabalho e suas articulações nas últimas décadas com o processo de “modernização” neoliberal enraizado na lógica gerencialista, ou seja, orientada pela já analisado novo modelo (neoliberal) de gestão pública, tal como exposto por Neri de Souza (2017). Um segundo cenário observado nas mesmas falas, está associado a uma dinâmica enraizada num outro momento histórico mais recente caracterizado pela pandemia da Covid-19 e pelo pós-pandemia, e associado, sobretudo, pela reorganização de tais relações e condições de trabalho do mundo do trabalho em geral e do trabalho docente em particular. Por conseguinte, temos o aumento da recorrência de queixas de sofrimento psíquico e adoecimento em ambiente de trabalho de tais sujeitos, o que acarretou um grande aumento de pesquisas interdisciplinares nas ciências humanas sobre o tema. Nesse contexto, o que houve foi um processo de ampliação e intensificação das formas neoliberais pré-existentes de formas de precariedades objetiva e subjetiva. No que concerne à produção das entrevistas efetivamente, com base nos fundamentos da História Oral e da História Oral Temática, em particular, é importante ressaltar oito importantes questões. Num primeiro momento, foi realizado um mapeamento dos e-mails institucionais dos sujeitos da pesquisa no campo empírico em questão. A partir daí, entramos em contato de forma individual, por correio eletrônico, com todos e todas os professores e professoras efetivos / “estáveis”, uma vez que somente a realidade desses foi objeto de nossa análise. Num segundo momento, após um contato e solicitação inicial, conseguimos a concordância de 7 (sete) indivíduos dessa categoria profissional (Antropologia, Sociologia, Ciência Política) para a realização das entrevistas. Desta feita, recebemos um total de 8 (oito) negativas justificadas, 2 (duas) por motivos de viagem ao exterior para pesquisa de campo, 1 (uma) porque declarou não estar dando aulas durante a pandemia, e 5 (cinco) por declarar falta de tempo em função de excesso de trabalho. Cumpre ressaltar que todas as demais solicitações não foram respondidas de nenhuma forma. Num terceiro momento, enviamos um novo convite a todos os professores e professoras efetivos/estáveis desse campo empírico, que ficaram indiferentes à primeira solicitação. Nessa mensagem, também ressaltamos a importância dos depoimentos para a pesquisa em curso e, como resultado desse movimento, mais 2 (dois) indivíduos concordaram em agendar a realização de suas respectivas entrevistas. Em quarto lugar, realizamos a gravação do conjunto de 8 (oito) entrevistas, devido à desistência de um desses docentes em realizar a entrevista: 3 (três) mulheres e 5 (cinco) homens, com os sujeitos da UFG-FCS (Brasil), as quais foram realizadas entre os dias 15/03/2025 e 09/06/2025. Em quinto lugar, trazemos à tona o fato de que todas as entrevistas foram realizadas de forma on-line por meio da

pandêmico e pós-pandêmico do neoliberalismo responderam por um conjunto de processos responsáveis pela dinâmica de ampliação e intensificação de formas de precariedades objetiva e subjetiva pré-existentes, diversamente vivenciadas pelos sujeitos desta pesquisa, ou seja, docentes efetivos/estáveis (homens e mulheres) do ensino superior público no Brasil (UFG-FCS).

Nesse sentido, tal como segue abaixo, analisaremos as formas como esses professores e professoras efetivos/estáveis no ensino superior público no Brasil vivenciaram e vivenciam – em seus respectivos cotidianos de trabalho - tais fenômenos de ampliação e intensificação dos processos de subjetivação neoliberal no contexto do neoliberalismo pandêmico e pós-pandêmico. Esse exercício será realizado de acordo com os seguintes elementos (temas/categorias) que fundamentaram a pesquisa de campo realizado: 1) mudanças ocorridas na organização e na gestão do seu trabalho no contexto pandêmico; 2) o agravamento do processo de precarização objetiva; 3) a ampliação e intensificação da precarização subjetiva: o aumento do sofrimento psíquico docente no Brasil no contexto no contexto pandêmico.⁷

Quadro 1. Perfil do docentes efetivos / estáveis (homens e mulheres) entrevistados na Universidade Federal de Goiás - UFG / Faculdade de Ciências Sociais - GO – Brasil

Entrevistado (a) (Pseudônimo)	PERFIL
Antônio	53 anos. Reside em Goiânia. Professor Associado / efetivo-estável, ou seja, trabalha como estatutário e no regime de dedicação exclusiva (DE). Professor e pesquisador em Ciência Política da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Área de Ciência Política. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos (PPGIDH). Renda média mensal: R\$ 15.000,00. Concursado na instituição desde: 2011. É sindicalizado: Não. Entrevista realizada em: 31/05/2025, às 13h, de forma on-line por meio da ferramenta Google Meet.

ferramenta Google Meet, em função da maior facilidade de acesso a cada entrevistado e entrevistada através do uso de tal recurso. Em sexto lugar, destacamos que foi esclarecido a todos os indivíduos entrevistados que participaram da pesquisa que, como forma de manter o anonimato de cada um, seria utilizado um pseudônimo para citar toda e qualquer entrevista realizada (ainda que não explorada diretamente), e que o procedimento omitiria detalhes relativos a informações sobre formação acadêmica e dados funcionais. No mesmo sentido, foi solicitado a cada um dos professores e professoras entrevistadas a leitura e assinatura prévia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em sétimo lugar, acrescentamos que a média total de tempo do conjunto de todas as entrevistas foi de 1 hora e 12 minutos. E, finalmente, em sexto lugar, ressaltamos, o fato de que a emergência do pontos de saturação das entrevistas relativas este universos de pesquisa foi alcançado com 5 (cinco) entrevistas realizadas: 3 (três) do sexo masculino e 2 (dois) do sexo masculino. Entretanto, optamos por padronizar a amostra a ser analisada, configurando-a com igual número de entrevistas entre homens e mulheres: 3 (três) do sexo feminino e 3 (três) do sexo masculino.

⁷ Ressaltamos que, por uma questão de espaço limitado, optamos por relacionar apenas os perfis de depoimentos que parecem citados em algum momento, e não todos os realizados com os sujeitos da pesquisa neste estudo de caso.

Carmen	58 anos. Reside em Goiânia. Professora adjunta / efetiva-estável, ou seja, trabalha como estatutária e no regime de dedicação exclusiva (DE). Professora e pesquisadora em Antropologia na Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Renda média mensal: 12.000,00. Concursada na instituição desde: (afirmou não se lembrar). É sindicalizada: Sim. Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (ADUFG), desde (afirmou não se lembrar). Entrevista realizada em: 11/05/2025, às 9h30min, de forma on-line por meio da ferramenta Google Meet.
Eloiza	51 anos. Reside em Goiânia. Professora Adjunta II / efetiva-estável, ou seja, trabalha como estatutária e no regime de dedicação exclusiva (DE). Professora e pesquisadora em Museologia na Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Departamento de Museologia. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS). Renda média mensal: R\$ 10.000,00. Concursada na instituição desde 2009. É sindicalizada: Não. Entrevista realizada em: 15/05/2025, às 11h, de forma on-line por meio da ferramenta Google Meet.
Luciano	68 anos. Reside em Goiânia. Professor Titular / efetivo-estável, ou seja, trabalha como estatutário e no regime de dedicação exclusiva (DE). Professor e pesquisador em Sociologia na Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Departamento de Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS). Renda média mensal: (não respondeu) Concursado na instituição desde 1992. É sindicalizado: Sim. Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (ADUFG), desde 1993. Entrevista realizada em: 09/06/2025, às 9h, de forma on-line por meio da ferramenta Google Meet.
Marina	42 anos. Reside em Goiânia. Professora Adjunta III / efetiva-estável, ou seja, trabalha como estatutária e no regime de dedicação exclusiva (DE). Professora e pesquisadora em Sociologia na Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Departamento de Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS). Renda média mensal: R\$ 16.000,00. Concursada na instituição desde 2015. É sindicalizada: Sim. Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (ADUFG), desde 2015. Entrevista realizada em: 15/05/2025, às 14h, de forma on-line por meio da ferramenta Google Meet.
Marinho	59 anos. Reside em Goiânia. Professor Associado I / efetivo-estável, ou seja, trabalha como estatutário e no regime de dedicação exclusiva (DE). Professor e pesquisador em Sociologia na Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Departamento de Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS). Renda média mensal: R\$ 15.000,00. Concursado na instituição desde 2010. É sindicalizado: Sim. Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (ADUFG). Desde: (não se lembra). Entrevista realizada em: 27/05/2025, às 20h, de forma on-line por meio da ferramenta Google Meet.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Mudanças Ocorridas na Organização e na Gestão do Seu Trabalho no Contexto Pandêmico

No Brasil, em relação ao primeiro elemento/categoria (*mudanças na organização e na gestão do trabalho*), constatamos, ao longo das entrevistas, uma expressiva recorrência, indicando um processo de avanço na reorganização do trabalho associado ao aprofundamento da precarização objetiva pré-existente das relações e condições de trabalho dentro e fora dessa universidade.

Essa constatação está na linha de análises que compreendem que a pandemia da Covid-19 e o pós-pandemia implicaram a transformação das condições de trabalho dos professores do serviço público, no sentido de contribuir para acelerar ou impor novas condições, conteúdos e formas de exercício desse ofício, intensificando a implantação de fundamentos da reforma de inspiração gerencial, em curso desde o período neoliberal anterior à pandemia. Tal como encontramos em autores como Barrier e Picard (2020); Beltramello e Gonçalves (2020); Blanchet (2020); Cornec Ubertini *et al.* (2022); Silva e Mancebo (2022); etc.

Sobre esse aspecto, por exemplo, no que concerne à UFG-FCS, as falas dos entrevistados apontam, em linhas gerais, para conclusões semelhantes com relação aos sentidos atribuídos às vivências de tais processos.

Constatamos isso, por exemplo, nas falas os docentes Marina (MN) e Marinho (MH). Ao solicitarmos que relatassem como vivenciaram as principais *mudanças ocorridas na organização e na gestão do seu trabalho* (temas/categoria: 1) dentro e fora da universidade no contexto da pandemia da Covid-19 ou a partir dela, esses professores respondem, respectivamente:

(...) É, não foi, não foi uma época fácil pra gente, né? Foi uma época muito difícil, muito dolorosa, eh, que deixou marcas que a gente sente até hoje e que foi um processo também muito demorado, né? Então, eu me lembro que a gente no começo achou que ia passar rápido assim, né, que a tal quarentena (...), né? E a gente viu que não tinha nenhuma perspectiva, né, de de melhora (...) E a gente viu que não tinha nenhuma perspectiva né (...), de de controle da situação (...). Eu achava que ficar parado esperando de mãos atadas em casa era muito mais ameaçador, muito mais e adoecendo (...). (MARINA, MN).

(...) Bom isso já vinha correndo, né? anteriormente boa parte [do nosso] trabalho, ele era realizado realizado pelos técnicos administrativos, passou a ser realizado pelos professores. Demandas burocráticas da universidade e todo esse trabalho (...). Eu acho que depois [com a pandemia] a principal mudança foi decorrente do (...) isolamento social que a gente passou, né? Quando houve o decreto governamental para que as aulas fossem suspensas, isso acabou mudar completamente a forma como a gente trabalhava até então, que o nosso trabalho ele era fundamentalmente presencial, né? A gente tinha um contato direto com com os estudantes, né? (...) e aí, de uma hora para outra, nós somos privados desse contato com os os discentes e mesmo com os nossos colegas de

trabalho, professores e os técnicos administrativos e etc. Então essa mudança ela ela foi bem impactante, né? (...). (MARINHO, MH).

O Agravamento dos Processos de Precarização Objetiva

Nesse contexto pandêmico de profunda reorganização do trabalho docente, todos os entrevistados e entrevistadas vinculados a esse universo de pesquisa (UFG-FCS) identificam e avaliam, de diferentes formas, na instituição do ensino a distância (EAD) e na ampliação de outras atividades no formato on-line, num cenário de confinamento social, uma das transformações que mais contribuiriam para o aumento do ritmo de sua precarização objetiva das relações e condições de trabalho. Nessa linha, a título de exemplo, temos autores tais como: Barrère (2017); Bellinaso e Novaes (2018); Bosi (2007); Calderari e Meneghetti (2020); Calderari *et al.* (2022); Charroud *et al.* (2020); De Paulo *et al.* (2020); Rondini *et al.* (2020); Santos *et al.* (2021); Souza (2017); etc.

Sobre essa questão, são muito recorrentes queixas: a) sobre a adoção do ensino a distância (EAD) sem discussão e preparação técnica e pedagógica prévia suficientes; b) relativas ao fato de, inesperadamente, virem-se diante de uma rápida reorganização de suas respectivas rotinas de trabalho, mudança que aprofundou muito a duração da coexistência entre o “mundo do trabalho” e o “mundo da vida familiar” (reclame mais comum entre as professoras do que entre os professores, considerados os dois universos de pesquisa); c) no que concerne às crescentes dificuldades pedagógicas colocadas pelo “tempo pandêmico de exceção” e agravadas pela situação de grande vulnerabilidade emocional, econômica e social de grande parcela de alunos e alunas; d) relativas à falta de qualidade dos sistemas de ensino a distância (EAD) adotados pelas respectivas gestões das universidades em questão; e) sobre a dificuldade de ministrar aulas para alunos e alunas vulneráveis e que, portanto, tinham muita dificuldade de acesso à internet de qualidade e a computadores para acessarem os respectivos sistemas de ensino a distância (EAD) adotados por cada uma das equipes de gestão das duas universidades aqui comparadas; etc.

No que concerne ao nosso universo de pesquisa (UFG-FCS), confirmando o que foi exposto acima, todas as entrevistas realizadas com os docentes⁸, componentes da amostra, em maior ou menor grau e de forma diversa, apontam a instituição do ensino a distância (EAD) e a ampliação de outras atividades no formato on-line tendo como pano de fundo o cenário de

⁸ Cumpre ressaltarmos que, por uma questão de ordem metodológica, somente relacionamos, no decorrer da análise, as queixas daqueles e daquelas que compõem a referida amostra, ou seja, de seis entrevistados: 3 (três) professores e 3 (três) professoras.

confinamento social como um dos principais fatores causais do *agravamento do processo de precarização objetiva* (temas/categoria: 2). Fato que ocasionou a deterioração das condições e relações objetivas de trabalho pré-existentes dentro e fora da universidade. Nesse sentido, seguem os relatos, abaixo:

(...) com a pandemia, eu acho que o principal impacto em mim realmente é a exaustão (...). A partir do da pandemia, as as reuniões começaram a ser online e elas permaneceram online muito depois da da pandemia. (...). Então eu acho que a pandemia me impactou muito nessa questão do cansaço e de você praticamente você tem que estar disponível 24 horas por dia porque você não tinha mais justificativas, né. (...) você tava o tempo todo em casa, o tempo todo em tese disponível (...) E a questão do ensino à distância por já considerar que ele traz embutido o risco de precarização, né, de repente a gente. (...) eu sempre evitei tudo que era a distância e aí foi inevitável, né? Então assim, aí não não tinha o que refletir, o que questionar, o que fazer crítica. E, a gente caiu imediatamente nessa coisa do ensino a distância [EAD], que era o que eu mais e temia e criticava. E, e fiquei muito muito preocupada. (...) assim, por não ter muita afinidade com as tecnologias e tal. E a gente foi jogado muito rápido na coisa da das aulas eh das aulas à distância (...). (ELOIZA-EZ).

(...) Com o novo sistema [de ensino a distância-EAD], né, ficou bem mais precário, então a comunicação, a gente notava dificuldade dos alunos. (...) muitos desses alunos não não tinham imagem, não apareciam imagem porque a conexão não permitia. É uma impressão geral, é de uma queda de qualidade muito grande, né? Na na relação de ensino-aprendizagem nesse período de comunicação mediada, né? Eu acho que isso a gente (...) talvez assim nunca recupere. [Também aconteceu], nesse contexto uma dissolução da relação entre o público e o privado. E a comunicação era precária, a gente não estava preparado, né? Assim, eu tinha alguma prática da educação mediada mas não nessas condições, né? Então eu acho que houve muito precarização. Precarização sistêmica. Assim intencional, como por exemplo, a que está acontecendo em relação a popularização do ensino de EAD (...). Tem aumentado a percentagem de disciplinas [na modalidade EAD] que a gente (...) pode administrar. É, eu acho que é isso (...). Acho que foi uma questão mais grave. [Foi] o facto de isto ter sido aproveitado como uma, digamos, uma porteira, né? Que se abriu para a popularização dessas relações tecnologicamente mediadas. E que no meu ponto de vista, são prejudiciais para [a relação] ensino-aprendizagem em relação ao ensino presencial (...). (LUCIANO-LN).

A Ampliação e Intensificação da Precarização Subjetiva: o Aumento do Sofrimento Psíquico Docente no Brasil no Contexto Pandêmico

Agora, como demonstraremos a seguir, no recente momento histórico representado pela pandemia da Covid-19 e do pós-pandemia, os sujeitos de nossa pesquisa tendem a vivenciar, cotidianamente, o aumento de formas de sofrimento psíquico e adoecimento que se manifestam de formas mais ampliadas e densas, além de cada vez mais estruturais em relação à atual dinâmica de (re)produção do sistema capitalista.⁹

⁹ Ressaltamos que, ao mesmo tempo, esses sujeitos desenvolvem formas de resistência individual e coletiva (Dejours, 2017), fundamentais para transformarem criativamente dimensões do sofrimento muitas vezes geradas pela

De tal forma, durante a produção das entrevistas, observamos uma significativa recorrência de relatos que convergem para questões que remetem à relação do trabalho com o processo saúde-doença mental. De forma mais específica, a instrumentalização de formas de sofrimento psíquico (precariedade subjetiva) no âmbito do neoliberalismo. Na linha de análise, temos, por exemplo, os estudos de Linhart (2000; 2009), Dejours (2000), Franco, Druck e Seligmann-Silva (2010); Dejours, Gernet e Rolo (2015) e Bertaux-Wiame, Fortino e Linhart (2011); etc.

Um fenômeno central relacionado a esse fator, constatado na quase unanimidade de falas do conjunto de todos os professores e professoras entrevistados, são as queixas indicativas de um crescimento incomum de vivências marcadas por um ritmo alucinante de trabalho, sentidas como insuportáveis e violentas e caracterizadas por situações de sofrimento (e até mesmo de adoecimento) físico e mental. Em outras palavras, temos a ampliação e intensificação de formas de sofrimento psíquico e adoecimento no que tange ao cenário considerado nesta pesquisa.

Trata-se de experiências que, embora já fossem muito comuns no modelo gerencial implementado nessa universidade no período neoliberal anterior à pandemia da Covid-19, aprofundaram-se expressivamente em função das bruscas transformações nas relações e condições de trabalho, bem como do mundo da vida em geral nesse período. Em outras palavras, passaram a configurar-se enquanto elementos centrais constituídos e constitutivos de uma nova dinâmica caracterizada pela normalização intensificação de formas de “precarização subjetiva” já existentes.

Nessa linha, cabe ressaltar que, em todas entrevistas realizadas no campo empírico em questão (de formas diversas e com diferentes tonalidades), a “(...) brutalidade de um confinamento associado à brutalidade de uma “continuidade pedagógica” sem quadro e sem precedentes (...)”¹⁰, expressa através da instituição do ensino a distância (EAD) num cenário de confinamento social, aparece como um dos elementos centrais da ampliação e intensificação da precarização subjetiva no cotidiano de trabalho desses docentes.

Para muitos professores e professoras entrevistados nesse universo empírico, temos um novo e oportuno momento de aprofundamento dos efeitos do novo modelo (neoliberal) de gestão pública sobre o trabalho docente nessas duas universidades. E, nesse sentido, contribuindo de

organização do trabalho nesse cenário, ressignificando-as enquanto fonte de prazer e autorealização (Dejours; Abdoucheli; Jayet, 1994). Entretanto, estas não serão analisadas neste artigo.

¹⁰ Uma profunda discussão a respeito do tema pode ser encontrada em: Covid19: une École si distante, autopsie d’une déraison collective. **La vie Moderne**. 2020. Disponível em: <https://www.laviemoderne.net/grandes-autopsies/une-ecole-si-distante>. Acesso em: 12 ago. 2025.

forma implacável e determinante para um ritmo ainda mais intenso da referida “precarização subjetiva” no cotidiano desses profissionais.

Todos os entrevistados (homens e mulheres) desse campo empírico, em maior ou menor grau e de múltiplas formas, ao falarem de vivências cotidianas associadas à ideia de intensificação da precarização subjetiva no contexto pandêmico, associaram tais experiências, principalmente à institucionalização desse novo modelo de ensino a distância – EAD, e consequente novo ritmo e rotina de trabalho no âmbito da reorganização do trabalho docente nesse período e ao confinamento social.¹¹

Por conseguinte, todos os entrevistados e entrevistadas em tela, de diversas formas e em diferentes gradações, direta e indiretamente, questionam o sentido da continuidade do ensino nessa instituição de ensino superior. Isso porque, nas falas desses sujeitos, eles problematizam intensamente tal modelo de ensino, criticando: o modo precário de implantação e funcionamento; a dificuldade de adaptação; o modo como tal forma de ensino contribuiu para deteriorar as relações e condições de trabalho dessa categoria profissional; a dificuldade de acesso de muitos discentes devido ao processo de grande vulnerabilização de parte significativa deles no contexto pandêmico; etc.

Assim, podemos compreender que os entrevistados e entrevistadas em questão reconhecem na transformação/imposição emergencial desse modelo de ensino uma forma de agravamento da precarização objetiva do trabalho docente há muito em curso, a qual contribuiu de maneira determinante para o crescimento de vivências cotidianas de trabalho marcadas pela intensificação do sofrimento psíquico (ampliação e intensificação da precarização subjetiva) dessa categoria profissional.

Nessa perspectiva, os sentidos atribuídos às experiências com esse modelo de ensino e a forma como foi implantado, no contexto pandêmico, pela totalidade desses sujeitos no campo empírico em questão, manifestam-se, em geral, através de queixas relacionadas à percepção do avanço e consolidação de uma lógica de modernização fundada nas ideias: do impedimento da decisão, deliberação e ação coletiva, ou seja, do “trabalho sem os outros”, (Linhart, 2009); de “ter que estar on-line o tempo todo para o trabalho”; de “não poder se desconectar”; de “diluição do espaço público no espaço privado”; etc.

Também nesse sentido, são muito recorrentes os reclames constatados na maior parte dessas entrevistas realizadas (e que aparecem sob múltiplas formas e gradações), configurando-

¹¹Sobre as consequências psicopatológicas do confinamento social, ver Mengin *et al.* (2020).

se enquanto: a) associados ao fato de, não raramente, *sentirem-se, em muitas situações, incompetentes* para utilizarem tal tecnologia; c) resultantes do reconhecimento de que tal modalidade de ensino contribuirá expressivamente para *aprofundar o isolamento e o individualismo* no cotidiano de trabalho; i) derivados da percepção muito comum de que a adoção abrupta do ensino a distância (EAD) pela gestão de cada universidade contribuiu para, direta e indiretamente, *comprometer a saúde mental* durante o contexto pandêmico; etc.

Nessas entrevistas realizadas na UFG-FCS (Brasil), essas e outras questões críticas à “continuidade pedagógica” através do ensino a distância (EAD) num cenário de confinamento social e, especialmente, ao papel que essa modalidade de ensino desempenhou para acelerar o ritmo de intensificação de formas de precariedades subjetivas relacionadas ao trabalho docente, reforçam análises produzidas em pesquisas recentes no Brasil, que estabelecem interfaces entre precarização objetiva e subjetiva, ensino superior público e pandemia da Covid-19, tal como encontramos em: Bellinaso e Novaes (2018); Duarte e Hypolito (2020); Freitas (2021); Mancebo (2020); Pereira e Santiago (2021); Rodrigues e Freitas (2021); dentre outros.

Logo abaixo, temos fragmentos da amostra completa referente às entrevistas com os docentes na UFG-FCS: 3 (três) professoras e 3 (três) professores. São partes de depoimentos com as queixas mais recorrentes desses professores e professoras, resultantes do questionamento relativo às formas como as mudanças ocorridas na organização e na gestão do trabalho docente no contexto pandêmico impactaram na *intensificação da precariedade subjetiva* (tema/categoria: 3).

(...) Então eu penso que as relações sociais, o nosso trabalho, ficou muito abalado. É como se a gente não quisesse encontrar com as pessoas. Eu acho que ninguém falava isso tão abertamente, mas era o sentimento, tipo, ai, tá bom ficar aqui no canto e as pessoas querendo ficar no no seu canto. Então isso (...) trouxe mais sofrimento psíquico, angústia. Enfim, penso que o sofrimento maior era justamente da da gente se sentir impotente diante do caos, da gente se sentir pequeno, né? e também o um sofrimento muito grande com o sofrimento alheio, porque alunos muito doentes, doente psicologicamente, doente, doente fisicamente e tudo em consequência da pandemia, né? Então, eh, eu, eu psicologicamente, eu acho que eu eu passei bem, apesar de chorar, de vez em quando, a gente tinha que chorar, né? (...). Eu estava num ambiente mais tranquilo né? (...) Mas, com certeza acho que o que foi de ruim veio mais. Mais ansiedade, acho que acho que mais tristeza. Porque eu sou uma pessoa naturalmente mais alegre e na pandemia a gente sentia muita tristeza. Então esse sentimento de tristeza, conseqüentemente ele o sono já não é tão bom, não é? E quando afeta o sono, afetam outras outras questões do corpo e e do psicológico também (...). Houve um desgaste mental por tentar entender eh e usar as novas tecnologias que estavam sendo implementadas e fazer e ver o trabalho pedagógico por meio dessas tecnologias. Ou seja, (...) qual é a aprendizagem que nós estamos construindo? Acho que essa essa grande preocupação ela desgastou sim o trabalho, né, o mentalmente, porque essa busca para tentar se adaptar, se entender, melhorar, sentir, ver o seu trabalho (...) porque parecia

que o trabalho ficava um pouco invisível... você não conseguia ver bem o seu trabalho, porque no presencial é totalmente diferente. Você (...), tem um encaminhamento muito mais consolidado por séculos de forma presencial, de se ensinar e aprender. Então, houve sim um desgaste, principalmente porque o novo assusta mesmo, né? (...). E assustou muito. Além do mais, a gente não teve assistência e nem escolha, né? (...)
(CARMEM-CE).

(...) E isso é uma loucura (...) Para além do mundo do trabalho (...), tudo isso levou a um maior isolamento, não é? (...) Eh, um maior isolamento, obviamente a trabalhar todos praticamente numa perspectiva, numa escala online [ensino a distância-EAD] como nunca antes vista, não é? (...) Incentivada, não é? (...) Novamente pela urgência, não é? (...) Caramba, foi bastante difícil, muito difícil. (...) Então, eh eh que uma situação bastante, vamos dizer, esquizofrênica, né? (...) quando começa a pandemia e eu começo a ver, não situações bastante dramáticas e trágicas, não é? (...) a respeito do confinamento, eh falecimentos, amigos muito próximos também falecidos. (...) Então era uma situação bastante dramática. (...) Uma situação de grande angústia e medo, não é? (...) Então essa oportunidade de estar isolado talvez tenha sido uma espécie de privilégio entre aspas (...). Então acabei isolando-me, não é? (...) Praticamente durante mais de um ano e eu fazia praticamente tudo, não é? (...). Então foi, foi ruim, não é? (...) Foi muito ruim, sabe? (...) Porque, sabe, eu consumia, comecei a consumir, me alcoolizar, praticamente por causa da angústia, não é? (...) Por causa da angústia, da incerteza, da insegurança, é impressionante em termos de saúde mental, não é? (...) Obviamente, questões muito concretas, não é? (...) Mas claro, agora já parei, não é? (...) Então, foi uma situação (...) de muita angústia, de muitas precariedades e de medos, como nunca antes, não é? (...) E no mundo do trabalho (...), o individualismo principalmente (...) acabou se fortalecendo, não é? (...) Evidenciando e fortalecendo, ou seja, o contexto da pandemia, não é? (...) Então é uma questão real, não é? (...) É uma questão real, sim (...) Então, é uma coisa impressionante, não é? (...) Os próprios professores, ou seja, não estão interessados nem dispostos, não é? A lutar para acabar com essas crescentes precariedades entre nós, não é? (...) Então isso levou todo mundo a praticamente uma introversão, a uma introversão. (...) Cada um cuida do seu pedaço, cada um sobrevive como lhe convém. (...) Então, bom, é uma situação muito muito muito ruim, né? (...) Muito ruim, muito precária, né? (...) Os níveis de colaboração são realmente mínimos. (...) (ANTÔNIO-AI).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, pontuamos que desdobramentos posteriores desta pesquisa, certamente, não podem ignorar outras questões colocadas pela riqueza das entrevistas produzidas com professores e professoras da instituição de ensino superior público aqui considerada, mas que não foi possível de explorá-las nesse estudo.

Alguns exemplos de futuras possibilidades de pesquisa a serem desenvolvidas a partir do conjunto de entrevistas que compuseram nosso corpus são: a) as interfaces entre relações e desigualdades de gênero no cotidiano do trabalho docente e a intensificação das formas de precariedade objetiva e subjetiva no contexto pandêmico e/ou partir deste; b) as limitações das estratégias defensivas individuais e coletivas (com destaque para a organização sindical) nesse cenário de profunda reorganização do trabalho docente; c) a necessidade de problematizar as

estratégias desenvolvidas por essa universidade com o objetivo de minimizar o crescimento de formas de sofrimento psíquico e adoecimento, particularmente entre docentes e discentes, no referido contexto pandêmico de ampliação e intensificação de formas de precariedade objetiva e subjetiva; d) as diferentes formas como professores e professoras estáveis (mais jovens e anciãos), nessa universidade, relacionam-se com as transformações tecnológicas e de gestão em curso e com a intensificação das formas de precarização objetiva e subjetiva; dentre outras.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 10. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**. 2ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo; DRUCK, Graça. A epidemia da terceirização. *In*: ANTUNES, Ricardo. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III**. São Paulo: Boitempo, 2014.

BARRÈRE, Anne. **Au cœur des malaises enseignants**. Paris: Armand Colin, 2017.

BARRIER Julien; PICARD, Emmanuelle. Les universitaires, combien de divisions? Lignes de fracture et transformations de la profession académique en France depuis les années 1990. **Revue française de pédagogie**, n. 207, p. 19-28, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346438288_Les_universitaires_combien_de_divisions_Lignes_de_fracture_et_transformations_de_la_profession_academique_en_France_depuis_les_annees_1990. Acesso em: 22 jun. 2025.

BELLINASO, Filipe; NOVAES, Henrique Tahan. A precarização do trabalho docente na educação a distância (EaD) no Brasil: uma discussão teórica. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 316-325, mai. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/23735>. Acesso em: 11 set. 2025.

BELTRAMELLO, Otávio; *et. al.* Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. **Educação & Sociedade**, n. 41, p. 1–27. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/8yWPh7tSfp4rwtcs4YTxtfr/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2025.

BERTAUX-WIAME, Isabelle; FORTINO, Sabine; LINHART, Daniëlle. Des salariés à bout de souffle. Quand le management réquisitionne la subjectivité au travail des hommes et des femmes. *In*: DRESSEN, Marnix; DURAND, Jean-Pierre. **La violence au travail Toulouse**:

Octarès, 2011. p. 187-198.

BLANCHET, Philippe. Courir plus vite vers le précipice: la LPPR comme accélérateur de l'effraction néolibérale dans le service public de recherche et d'enseignement supérieur. **Revue française de pédagogie**, n. 207, p. 61-68, 2020. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-francaise-de-pedagogie-2020-2-page-61>. Acesso em: 11 set. 2025.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. Martins Fontes: São Paulo, 2009.

BOM MEIHY, José Carlos. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

BOSI, Antônio de Pádua. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 101, p. 1503-1523, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/9WptVJrmQdsdtW4fZ9VHgkh/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2025.

BOURDIEU, Pierre. A precariedade está hoje por toda parte. *In*: BORDIEU, Pierre. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 72-77.

CALDERARI, Egon Bianchini; MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O sentido no trabalho do conteudista no modelo ead. **Revista de Administração de Empresas**, Porto Alegre, n. 28, p. 487-524, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

CALDERARI, Egon Bianchini; MENEGHETTI, Francis Kanashiro; VIANNA, Fernando Ressetti Pinheiro Marques. Professores o tempo todo: um estudo sobre as condições materiais, físicas e psicológicas de docentes no ensino superior durante a pandemia do covid-19. **REAd**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 487 – 524, mai./ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/read/a/6HvcGBsDyvzNFMMSDrvGsww/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 set. 2025.

CALDERON, José Angel; LÓPEZ CALLE, Pablo. Transformaciones del trabajo e individualización de las relaciones laborales. **Sociologia del Trabajo**, Madrid, n. 68, 2010. Disponível em: <https://docta.ucm.es/entities/publication/a641ce61-46af-450f-910e-addd378610c5>. Acesso em: 28 jun. 2025.

CASTEL, Robert. Centralité du travail e cohésion sociale. *In*: KERGOAT, Jaques; BOUTET, Josiane; JACOT, Henri; LINHART, Danièle. (Éd.). **Le monde du travail**. Paris, La Découverte, 1998.

CASTEL, Robert. La montée des incertitudes. **Travail, protections, statut de l'individu**. Paris: Éditions du Seuil, 2009.

CASTEL, Robert. **Les Métamorphoses de la question sociale**. Paris: Gallimard, 1995.

CASTEL, Robert. Repenser la protection sociale. **Sciences Humaines**, n. 138, p. 42-44, février, 2006. Disponível em: https://www.scienceshumaines.com/repenser-la-protection-sociale_fr_5546.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

CHARLES, Frédéric; FORTINO, Sabine. Rapports sociaux de sexe et insertion professionnelle: une analyse des parcours de femmes face aux mutations du travail et de l'emploi. **Actes des Huitièmes - Journées de sociologie du travail**, Aix-en-Provence, p. 59-74, 2001.

Disponível em:

https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=fr&user=nVwXYS8AAAAJ&citation_for_view=nVwXYS8AAAAJ:LkGwnXOMwfcC. Acesso em: 22 ago. 2025.

CHARROUD, Christophe; DESSUS, Philippe; OSETE, Laurence. Confinement et pratiques évaluatives: une moocification urgente et forcée? *Évaluer – Journal international de recherche en éducation et formation*, n. 1, p. 53-58, 2020). Disponível em:

<https://hal.science/hal-02560420v1/document>. Acesso em: 05 set. 2025.

CLOT, Yves. **Le travail sans l'homme - pour une psychologie des milieux de travail et de vie**. Paris: La Découverte, 1995.

CORNEC UBERTINI, Anne-Hélène Le; PELLEN, Nadine; MESQUITA, Mirka. Mal-être des enseignants-chercheurs sur fond de flou juridique. **Sciences de la société**, v. 109, 2022.

Disponível em: <https://journals.openedition.org/sds/13959>. Acesso em: 29 set. 2025.

CRESPO, Eduardo; REVILLA, Juan Carlos; SERRANO, Amparo. La psicologización política del trabajo. In: DORNA, Alexandre. (Éd.). **Psicología Política**. Principios constitutivos y temas transversales, Bogotá: PSICOM, 2005.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE PAULO, Jacks Richard; ARAÚJO, Stela Maris Mendes Siqueira; DE OLIVEIRA, Priscila Daniele. Ensino remoto emergencial em tempos de pandemia: tecendo algumas considerações. **Dialogia**, n. 36, p. 193-204, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/18318>. Acesso em: 03 jul. 2025.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 2000a.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 2000a.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Oboré, 2000b.

DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos**. Porto Alegre - São Paulo: Dublinense, 2017.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth. Itinéraire théorique en psychopathologie du travail. **Revue Prévenir**, v. 20, p. 1, p. 127-147, 1993. Disponível em:

https://infodoc.irtsnormandie.ids.fr/index.php?lvl=notice_display&id=54362. Acesso em: 12 jun. 2025.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do Trabalho – Contribuição da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do**

Trabalho – Contribuição da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, Christophe; GERNET, Isabelle; ROLO, Duarte. La souffrance psychique au travail. Comprendre les enjeux de santé du rapport subjectif au travail. *In:* THÉBAUD-MONY, Annie; DAVEZIES, Philippe; FOGEL, Laurent; VOLKOFF, Serge. (Dir.). **Les risques du travail.** Paris: La Découverte, 2015. p. 303-311.

DELGADO, Lucília. **História oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

DRUCK, Graça. Principais indicadores da precarização social no Brasil. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2009, Rio de Janeiro. **Anais [...].** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Sociologia, jul. 2009.

DUARTE, Alexandre Willian Barbosa; HYPOLITO, Álvaro Moreira. Docência em tempos de Covid-19: Uma análise das condições de trabalho em meio a pandemia. **Retratos da Escola,** Brasília, v. 14, n. 30, p. 736-753, set/dez, 2020. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1207>. Acesso em: 03 set. 2025.

DUJARIER, Marie-Anne. **L'idéal au travail.** Paris: PUF, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral, comemorações e ética. **Projeto História.** Ética e História oral, São Paulo, n. 15, p. 157-164, abr. 1997. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/84eff92d-7b92-45e0-954d-4ab62f045bf1/content>. Acesso em: 05 jun. 2025.

FORTINO, Sabine. Processo de vulnerabilização e danos ao ofício: a Modernização do Trabalho em questão. **Rev. Bras. Saúde Ocup.,** São Paulo, v. 37, n.126, p. 213-224, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/nwDCY9K57X94sJQtnn5dvGy/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 jun. 2025.

FORTINO, Sabine. Quand la logique du privé investissent le secteur public: déstabilisation des collectifs et reflux de la participation. **Revue Participations,** v. 1, p. 53-76, 2013. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-participations-2013-1-page-53?lang=fr>. Acesso em: 03 jul. 2025.

FORTINO, Sabine; LINHART, Danièle. Comprendre le mal-être au travail: modernisation du travail et nouvelles formes de pénibilité. **Revista Latinoamericana de Estudos do Trabalho,** v. 16, n. 25, p. 35-67, 2011. Disponível em: <https://alast.info/relet/index.php/relet/article/view/159> Acesso em: 27 jun. 2025.

FRANCO, Tânia, DRUCK, Graça; SELIGMANN-SILVA, Edith. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional,** v. 3, n. 122, p. 229 – 248, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/TsQsX3zBC8wDt99FryT9nnj/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 03 jun. 2025.

FREITAS, Ronilson Ferreira; *et al.* Prevalência e fatores associados aos sintomas de depressão,

ansiedade e estresse em professores universitários durante a pandemia da COVID-19. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, p. 283-292, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/8DKtKHH8xFrMjSjTr7X93Lt/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2025.

GAULEJAC, Vincent de. **La société malade de la gestion. Idéologie gestionnaire, pouvoir managérial et harcèlement social**. Paris: Seuil, 2014.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HELOANI, Roberto. **Gestão e organização no capitalismo globalizado – história da manipulação psicológica no mundo do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2003.

HELOANI, Roberto. **Mal-estar no trabalho, redefinindo o assédio moral**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2002.

HELOANI, Roberto; BARRETO, Margarida. **Assédio moral: gestão por humilhação**. Curitiba: Editora Juruá, 2018.

HIRATA, Helena, KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cad. pesquisa**, v. 19, n. 37, p. 132, p. 595-609, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>. Acesso em: 03 jul. 2025.

HIRATA, Helena. **Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero: divisão sexual do trabalho numa perspectiva comparativa**. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung Brasil, 2015. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/12133.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.

LA VIE MODERN. **Covid19: une École si distante. Autopsie d'une déraison collective**. 1 set. 2020. Disponível em: <https://www.laviemoderne.net/grandes-autopsies/une-ecole-si-distante>. Acesso em: 29 ago. 2025.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. *In*: MEIHY, J.C.S.B. **(Re) introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2 ed. Campinas: EDUNICAMP, 1992.

LINHART, Danièle. **A Desmedida do Capital**. Tradução: Wanda Caldeira. São Paulo-SP: Boitempo, 2007a.

LINHART, Danièle. L'émergence d'une "précarité subjective" chez les salariés stables. *In*: FORTINO, S; TEJERINA, B; CAVIA, B.; CALDERON, J. **Crise sociale et précarité**. Paris: Champ Social Éditions, 2012.

LINHART, Danièle. **La comédie humaine du travail**. Toulouse: Eres, 2009a.

LINHART, Danièle. **Les différents visages de la modernisation du service public**. Paris: La documentation française, 2007b.

LINHART, Danièle. O indivíduo no centro da modernização das empresas: um reconhecimento esperado, mas perigoso. **Trabalho e Educação**, v. 7, p. 24-36, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9201>. Acesso em: 03 set. 2025.

LINHART, Danièle. **Pourquoi travaillons-nous? Une approche sociologique de la subjectivité au travail**. Paris: Edition Erés, 2008.

LOPES, Edmar Aparecido de Barra e. **Trabalho, Pandemia e Subjetividade: vivências cotidianas de profissionais em ambiente hospitalar**. 1. ed. Curitiba: EDITORA CRV, 2023.

MALUF, Sônia Weidner. Subjetivações neoliberais e sofrimento social: políticas globais de saúde mental em tempos de neoliberalismo. **Cad. CRH**, v. 37, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/X8rZZxJWHKqnKMQwbPCJzcc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 jun. 2025.

MANCEBO, Deise. Pandemia e educação superior no Brasil. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 14, 2020. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4566>. Acesso em: 03 ago. 2025.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom e BARBOSA, Fabíola Holanda. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MENGIN, Amaury C.; *et al.* Conséquences psychopathologiques du confinement. **L'encephale**, v. 46, p. 43-52, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0013700620300750>. Acesso em: 03 set. 2025.

NERI DE SOUZA, Aparecida. Trabalho docente em Universidades Públicas - olhares cruzados: Brasil e França, en Espacios en Blanco. **Revista de Educación**, Buenos Aires, n. 27, p. 63-85, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.org.ar/pdf/eb/v27n1/v27n1a04.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2025.

NERI DE SOUZA, Aparecida; *et al.* **Sentidos das mudanças no Trabalho no Brasil e na França**. Curitiba: Editora CRV, 2019.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, 1993. Disponível em: <file:///Users/edmar/Downloads/12101-Texto%20do%20artigo-29004-1-10-20121015.PDF>. Acesso em: 02 jun. 2025.

PAUGAM, Serge. **Le salaríé de la précarité: les nouvelles formes de l'intégration professionnelle**. Paris: PUF, 2000.

PEREIRA, João Guilherme Nunes Pereira; SANTIAGO, Sisnany Bastos. O ensino remoto no Brasil: uma nova tendência educacional proveniente da pandemia de covid-19. **Educação & Linguagem**, v. 8, n. 2, p. 66-78, maio/ago. 2021. Disponível em: https://cienciaesociedade.com/wp/wp-content/uploads/2022/05/6_REdLi_2021.2.pdf. Acesso em: 29 jun. 2025.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em:

<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 02 jun. 2025.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200- 212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 07 jun. 2025.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; SIMSON, Olga de Moraes Von. **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Carlos Manoel Lopes; FREITAS, Lêda Gonçalves de. Teletrabalho e precarização – configurações do trabalho docente em EAD. **Trabalho & Educação**, v. 26, n. 2, p. 103-114, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/download/9539/6797/27639>. Acesso em: 11 set. 2023.

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DOS SANTOS DUARTE, Cláudia. Pandemia do Covid-19 e o ensino remoto emergencial: Mudanças na práxis docente. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9085>. Acesso em: 02 set. 2023.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SANTOS, Geórgia Maria Ricardo Félix dos; SILVA, Maria Elaine da; BELMONTE, Bernardo do Rego. COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 21, p. 237-243, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/b3TVbVHcCZRxkVZPFPK6PHF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 set. 2025.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

SEGATA, Jean. Covid-19: escalas da pandemia, escalas da antropologia. **Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus**, São Paulo, n. 2, p. 44-46, 2020. Disponível em: https://anpocs.org.br/wp-content/uploads/2023/06/Boletim_n2.pdf. Acesso em: 28 jun. 2025.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Amanda Moreira da; MANCEBO, Deise. Universidade, pandemia e mudanças tecnológicas: impactos para o trabalho docente. **Rev. Trabalho, Política e Sociedade**, v. 7, n. 12, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/rtps/article/view/638>. Acesso em: 17 set. 2025.

SILVA, Amanda Moreira da; MANCEBO, Deise. Universidade, pandemia e mudanças tecnológicas: impactos para o trabalho docente. *Rev. Trabalho, Política e Sociedade*, v. 7, n. 12, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/rtps/article/view/638>. Acesso em: 17 set. 2025.

SOUZA, Kátia Reis; *et al.* A nova organização do trabalho na universidade pública: consequências coletivas da precarização na saúde dos docentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, p. 3667-3676, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/xjgJxyZmM4S9tnjjCF6sBSP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2023.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. *Revista Projeto História*, São Paulo, p. 51-84, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11216/8224>. Acesso em: 29 jun. 2025.

VENCO, Selma. Nova gestão pública e trabalho docente: retratos das precariedades objetiva e subjetiva. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REDE ESTRADO, XX. Anais [...]*. Salvador, 2014.